

**Relatório sobre a Língua Galega nas Astúrias. Aproximação
Linguística e Literária**
Xavier Frías Conde

(Univ. Complutense de Madrid)

1. O EONAVIEGO: INTRODUÇÃO

1.1. Sobre o nome de *eonaviego*

Primeiro que tudo, é necessário explicar o que é este nome de *eonaviego* que encabeça este relatório e que para muitas pessoas é uma coisa nova de todo. Eonaviego é uma denominação erudita (X. FRÍAS; 1997, 1999a) empregue para fazer referência à língua galega tal como é falada nos dezoito concelhos mais ocidentais do Principado das Astúrias, na zona compreendida entre os rios Eo e Návia, daí *eo-naviego*, visto que *naviego* sim é uma denominação popular que se aplica aos habitantes das vilas de Návia, tanto à asturiana (antiga Návia de Luarca) como à luguesa (Návia de Suarna, A Prova).

Ainda que o termo tenha sido cunhado para fazer referência aos dialectos mais particulares desta área linguística galega nas Astúrias, porque existem falares próprios do galego oriental, como veremos depois, o facto é que se usa eonaviego para fazer referência ao galego falado nas Astúrias, e também às pessoas que habitam nesta comarca entre os dois rios, é dizer, os asturianos de língua galega.

1.2. Transcrição

Para a transcrição dialectal, sobretudo na primeira parte, emprego um alfabeto quase fonológico, que permitirá ter uma ideia bastante exacta de qual é a pronúncia das palavras oferecidas.

Usarei <k> diante de /e/ e /i/, mas no resto dos casos <c>, <z> indica o som interdental /θ/ em todos os casos, <i> para indicar /λ/, <ñ> com o valor de <nh>, /s/ vai marcado <#> e <t#> representa /tS/. Não distinguimos e <v>, mas tudo é , do mesmo modo que suprimimos <h>. Empregaremos o símbolo <l> para indicar que se trata de uma dupla pronúncia: /l/ na zona não palatalizadora e /λ/ na

palatalizadora (veja-se depois).

As vogais abertas e fechadas irão marcadas com <`> e <'> respetivamente.

1.3. Dados geográficos

O galego eonaviego é falado por umas cinquenta mil pessoas na Terra Eo-Návia. O seu número exacto é difícil de precisar, dado que, como acontece na Galiza, boa parte da população mais jovem já não tem esta língua como a sua materna e também não se têm feito levantamentos oficiais sobre esta questão.

A língua galega fala-se nos seguintes concelhos asturianos: Tápia de Casarego, Castropol, A Veiga, El Franco, Coanha, Boal, Santiso de Abres, Taramúndi, Vila Nova de Oscos, Santalha de Oscos, Sam Martim de Oscos, Eilao, Pezós, Grandas de Salime, e também na metade ocidental de Návia, o terço ocidental de Vilaiom (paróquia de Ponticela e o lugar Lendequintá), os dois terços ocidentais de Allande (zona del Tras-el-Palo, também chamada *Para aló del Palo*) e praticamente todo o concelho de Ibias, excepto a paróquia oriental de A Astierna (nome oficial espanhol Sisterna).

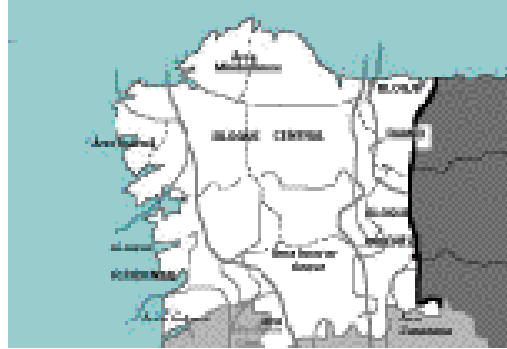
O limite entre o galego e o asturo-leonês começa na vila naviega de Frexulfe e estende-se face ao interior até alcançar as serras de El Ranhadoiro, El Palo, El Valledor e Valdebois. Em definitivo, quase toda a bacia do Návia nas Astúrias é linguisticamente galega.

1.4. Divisões dialectais e subdialectais

Todo o galego eonaviego não faz um falar uniforme. De facto, é preciso ubiqvar o galego eonaviego dentro do córpus linguístico galego.

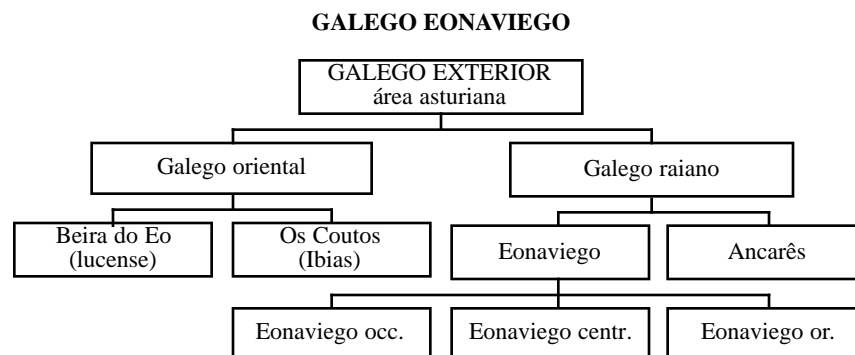
Em primeiro lugar, a maior parte dele não pertence ao bloco conhecido como galego oriental (X. FRÍAS; 1997, 1999a). Uma pequena zona ocidental sim faz parte do galego oriental próprio de Lugo, tal que os concelhos de Taramúndi, Santiso de Abres e a zona sul do concelho de A Veiga (paróquia de Abres), cujos falares são iguais aos dos vizinhos concelhos de Ribadeo, Trabada ou A Pontenova.

Pode comprovar-se a sua ubiquação no seguinte mapa (FRÍAS;1997):



Porém, o resto dos falares galegos das Astúrias não podem ser emoldurados dentro do dito bloco por apresentarem uma longa série de traços que lhes dão uma identidade muito marcada dentro do cŕpus galego e que teremos ocasião de ver ao longo deste relatŕrio. Estes falares, junto com o de Negueira de Muniz (concelho luguês ao longo do rio Návia entre os Ozcos e Ibias) e os falares galegos do vale leonês dos Ancares, formam o chamado **bloco raiano**, que serve de transição para o asturo-leonês e ao mesmo tempo apresenta uma dilatada série de arcaísmos de tipo gramatical e léxico que lhe fornecem essa originalidade à qual me venho referindo, mas não até o ponto de o converter num falar híbrido –disso está muito longe– como se pretende fazer a partir de determinados âmbitos linguísticos asturianos.

Portanto, para estabelecer uma classificação dialectal destes falares, é preciso atender não só ao galego propriamente das Astúrias, mas também aos falares vizinhos de Lugo e Ancares, achegando-nos a dois blocos:



Quanto aos elementos mais significativos que caracterizam cada falar, o primeiro é compreender que concelhos abrange cada uma das zonas subdialectais (X. FRÍAS; 1999a):

1. **Eonaviego ocidental:** Ibias, Negueira, Vilanova e Santalha de Oscos
2. **Eonaviego central:** sul de Alhande (Valhedor), Grandas, Pezós, São Martim de Oscos, Eilao, A Veiga (norte) Castropol, ocidente de Tápia.
3. **Eonaviego oriental:** oriente de Tápia, El Franco, Coanha, Návía, Boal, norte de Allande (Berducedo)

Os elementos que caracterizam estes falares como traços próprios de cada um deles, são estes em resumo:

RASGOS	OCIDENTAL	CENTRAL	ORIENTAL
-L-	(caí)	/l/	/l/
-LL-	/l/	/l/	/ʎ/ /y/
L-	/l-/	/l-/	/ʎ-/
-C'L-, -LJ-	/ʎ/	/ʎ/ /y/	/ y /
ILLE, ILLO	<i>el/o</i>	<i>el/o</i>	<i>el/o</i>
-lo (assimilado)	<i>-lo</i>	<i>el/o</i>	<i>el/o</i>
qua-	<i>ka-</i>	<i>ko-</i>	<i>ko-</i>
<i>digo-o</i>	<i>dígo(e)l</i>	<i>dígolo</i>	<i>dígolo</i>
<i>caminheiro</i>	<i>camiñeiro</i>	<i>camiéiro</i>	<i>camiéiro</i>
<i>comprou-a</i>	<i>compróua</i>	<i>compróula</i>	<i>comproula</i>

1.5. Límites entre o galego e o asturiano nas Astúrias

Mais acima (cf. 1.2.) já citei por onde corre a fronteira linguística entre o galego e o asturiano. Para isso baseei-me, como D. Catalán (1989), em três elementos fundamentais:

- a) perda de /n/;
- b) tratamento de -LL-;
- c) tratamento de -i- e -o- latinos.

Junto a estes três elementos é preciso acrescentar uma longa série doutros (X. FRÍAS, 1999c) de carácter fónico e morfossintáctico aos quais não me referirei por ser esta uma questão que vai mais longe de uma apresentação do eonaviego como falar galego-português.

2. ELEMENTOS LINGÜÍSTICOS PRÓPRIOS DO EONAVIEGO

Nesta secção poderemos ver que elementos meramente linguísticos dão a sua particular fisionomia ao galego eonaviego dentro do córpus galego. Distinguiremos os elementos fónicos por um lado e os gramaticais por outro.

2.1. Fonologia

2.1.1. Vocalismo

O eonaviego tem um sistema vocálico igual ao do resto do galego, com sete vogais tónicas¹.

2.1.1.1. Vogais abertas com nasal

Dentro do **vocalismo tónico**, chama a atenção que quase todo o eonaviego apresente vogais abertas em quase todos os casos de entonação com nasal. Assim, são vogais abertas as de *fônda*, *dêntro*, *frênte*, *cônca*, mas curiosamente, em muitos casos de perda da nasal, tal como os plurais, a vogal continua a ser aberta, especialmente no caso de /o/: *ocasíois*. Ocorre o mesmo com o verbo *ser* no mais-que-perfeito e no perfeito do conjuntivo: *fôra*, *fôras*, *fôra...*; *fôse*, *fôses*, *fôse...* Por outro lado, não se dá em eonaviego metafonia de fechamento por influência da vogal final, como em bastantes áreas do galego, mas produz-se sim outra metafonia exclusiva da área norte e central, devido às antigas vogais nasais.

2.1.1.2. Metafonia por antiga nasal

Segundo esta **metafonia por antiga nasal**, os grupos <-ea->, <-oa->, <-eo-> sofrem um fechamento de dois graus quando a vogal final é /-a/ ou /-os/ (não simplesmente /-o/. Mas como indicava anteriormente, tal fechamento de dois graus apenas se produz na zona Norte e Central do eonaviego, mas não no resto, que só conhece um grau de fechamento. Tal fenómeno grafa-se com acentos circunflexos que permitem não usar duas ortografias diferentes, porém aqui seguimos o nosso critério fonológico:

(1) Podem-se considerar oito se atendemos a certos casos em que é possível distinguir entre /a/ e /α/, nos quais agora não entrarei.

	ÁREA SUL	ÁREA CENTRO-NORTE
/ E /	tsèn	
	tséa	tsía
	tséos	tsíos
	tséas	tsías
/ O /	roubòn /O/	
	roubóa	roubúa
	roubòis	
	roubóas	roubúas

2.1.1.3. Tratamento de /ay/ e /ái/

Outro elemento típico de quase todo o eonaviego é o constante fechamento que faz de /ay/ e /ái/ para /ey/. Este é um processo conhecido no galego comum, mas que em eonaviego (e também nalgum outro dialecto exterior, como o galego da Estremadura) se desenvolve muito mais, porque, excepto numa pequena franja para o sul, os resultados são geralmente /ey/: *béile*, *méiz* (=milho), *réiz*, *geitéiro*, *eskeizér* (mas no Sul *eskaezér*; galego comum *esquecer*), *béi* (no sul *bái*), *eínda*, etc.

2.1.1.4. Monotongações

Existem duas classes de aditongação; a primeira é uma redução /ey/ > /e/ e a segunda é /wa/ > /O/.

Dão-se em certos casos de -EKT-/-IKT- na zona norte e central: *direito* > *deréto*; *estreito* > *estréto*; *léito* > *léto*; normalmente em palavras acabadas em -o/-a, porque tal acontece quando rematam em -e: *léite*~*iéite*.

Por outro lado, os grupos /kwa-/ e /gwa-/, que no galego comum não em todo o galego costumam reduzir-se a /ka-/ e /ga-/ respectivamente, apresentam /ko-/ e /go-/ no eonaviego centro-oriental, ainda que não seja solução desconhecida no galego comum², mas aqui desenvolveu-se muito mais: *corènta*, *agordár*, *còndo*, *cònto*, etc.

2.1.1.5. Perda e conservação da vogal final

Há casos de perda da vogal final que não são os normais do galego comum. Em eonaviego cai <-o> nas terminações -ENU e -INU: *tsèn*, *centèn*,

(2) São formas da língua comum *coresma*, *gorecer* e *corenta*.

sèn, frèn, subrín, camín, padrín, -ín (diminutivo), etc.

Em troca, há conservação após lateral, mas não é uma coisa exclusiva do eonaviego, fazendo parte de uma zona conservadora de toda a área oriental: *bále* <vale>, *mòle, fòle*, etc.

2.1.1.6. Ditongações na presença de /g/

É um fenómeno verdadeiramente curioso, no qual na presença de /g/ se desenvolve um /w/: Assim, temos: *áugua, fráugua, léugua, éugua, lóugo, ougáno, bougár, fóugo*, etc. Não se pode pensar que as duas primeiras pertenceram ao galego comum num primeiro momento, para logo se reduzirem, porque isso explicaria *auga*, mas não *fraga* a partir de **frauga*.

No caso de /og/ > /owg/ é muito mais interessante, mas é curioso observar como certas palavras patrimoniais não sofrem a ditongação: *sòga, sògo*.

2.1.1.7. Conservação de antigos ditongos

O eonaviego, geralmente muito conservador, chega por vezes até extremos incríveis. Tal acontece na conservação de ditongos que o resto do galego-português perdeu em épocas pré-literárias, em casos como estes: *maóio* (=mólho), *paóia* (cf. cast. *panoja*, ast. *panoya*), *mióla* (=mola, de MEDULA), *ameizér* (=amencer), *escaizér~eskeizér* (=esquecer, de *EXCADECERE).

2.1.2. Consonantismo

2.1.2.1. Conservação de /l/

Característico do eonaviego centro-oriental é a conservação de /l/, com bastantes casos também em eonaviego ocidental (chegando mesmo ao ancarão), porém não é uma coisa exclusiva destes falares, encontrando-se também em Calabor (Samora) e espontaneamente no português trasmontano (especialmente nos plurais). Assim, são normais formas como: *pálo, abòlo, dolór, calènte* (mesmo *caïènte*), etc.

Porém, nos plurais localizam-se formas coincidentes com as do galego comum: *animáis, ráis, atafáis*, não só em eonaviego ocidental, onde são normais, mas em todo o resto.

2.1.2.2. A palatalização

Desde um ponto de vista diacrónico, o que mais chama a atenção é a palatalização que se produz no eonaviego oriental. Tal fenómeno afecta L- e -LL-. Em princípio, salvo no concelho de Návía e parte de Coanha, os resultados palatalizantes coincidem com os do asturo-leonês, enquanto que os de -C'L-, -LJ-, -G'L- dão /y/ (também como em asturiano central): *iéite, iõnse, ióugo, iimuéiro, iér, martèio, aió, farèio, peiéya, bíia, gríio*, etc. Na zona de Návía e Coanha a pronúncia de todos eles é, em troca, /y/. No resto do eonaviego, houve primeiramente /λ/ para os resultados de -C'L-, -LJ-, -G'L-, mas hoje em dia só se ouve /y/ em todos os casos, devido ao avanço do ieísmo desde o castelhano, que afecta também o asturiano³.

Pela toponímia sabemos que as zonas que praticavam a palatalização eram há séculos muito mais extensas, chegando ao oriente de Lugo (cf. Llencias em Fonsagrada, os varios Lhen- em Taramúndi, Castropol, etc⁴.) que seguramente têm a sua origem em LIMITE > LEMDE.

2.1.2.3. Tratamentos de /n/

Em eonaviego, o /n/ intervocálico cai como no resto do domínio, mas nem sempre o faz em concordância com o resto do galego-português. Para começar, a nasalidade, conservada vivamente em ancarão, existe ligeiramente ainda na raia com o asturo-leonês nas Astúrias. Quanto ao resto dos casos, eis os mais curiosos:

1. O latím UNA não dá, na maior parte do galego, o resultado *uma*, mas *ua*, que é mais coerente com a história da língua. Compare-se o gascão, língua na qual também se dá a perda de /n/, onde o artigo é *ua* (pronunciado /'üo/)
2. A metafonia por antiga nasal, à qual já me referí em 2.1.1.2.
3. A perda de /n/ na terminação -INA, que corre paralela a -ENA: MATRINA > *madría*, SARDINA > *sardía* ~ *ardía*, mais coerente que o /ñ/ anti-hiático do resto do galego-português. Logicamente, o eonaviego apresenta soluções particulares em *diéiro, muliéiro, sar - diéira*, etc., que alternam frequentemente com as correspondentes com <nh>, sobretudo no subdialecto ocidental.

(3) Em poucos anos, todos os falares galegos e asturianos só conhecerão /y/ para todos os casos. A perda de /λ/ qualquer que for a sua origem é uma realidade apreciável também em espanhol.

(4) Também com a variante Lhan-, por dissimilação, favorecida pela posição átona.

4. A velarização de /n/ > [N] nalgum caso isolado: *eNalár ~engalár*, *eNaiár.N*
5. A terminação verbal –MINARE tem em eonaviego coincidência com o asturiano: *semár* por *semea*; *alumár* por *alumea*, e paralelamente o substantivo *féma* em lugar de *fémea*.

2. 2. Elementos morfossintáticos

No campo morfossintático, o galego das Astúrias apresenta também um grande feixe de particularidades que acentuam ainda mais o seu carácter especial dentro do galego-português.

2.2.1. Artigos

2.2.1.1. Artigo definido

<i>el~o</i>	<i>a~el</i>	<i>el~o</i>
<i>os</i>	<i>as</i>	

Tem umas formas únicas dentro do galego-português, visto que o seu paradigma não se encontra em nenhures, excepto nalgum dialecto asturo-leonês raiano (xeavrês). A peculiaridade mais grande é o artigo masculino e neutro *el*, equivalente sempre ao literário *o*. Em consequência, as contracções de *el* com as preposições são diferentes das do resto do idioma. Assim, dão-se casos como estes:

- *el meu néno báí na escòla*
- *fái el que tke pareza bèn*
- *tèn todo l ke prezisa*
- *bái à casa del ~ do bizín*
- *bíbe no cámpo*

Este artigo *el* convive, na maioria do dialecto, com *a*, sendo ambas formas alomórficas históricas (X. FRÍAS; 1993); na fala moderna praticamente desapareceu o seu uso alomórfico, mas está perfeitamente documentado. Apenas se conserva a alternância *a~el* no feminino, quando a palavra seguinte começa por vogal tónica:

- *esta néna i el óutra sòn mias fiias*
- *éso è del època dos tous abòlos*
- *tùegaréi al òra de ùantár*

Na zona ocidental dá-se a assimilação do artigo com o verbo, como na maioria do galego comum:

- *kèren bebé-lo bíño*
- *tu còme-lo ke ùe bóten*

2.2.1.2. Artigo indefinido

O paradigma mais comum é:

<i>un</i>	<i>ua</i>
<i>us</i>	<i>uas</i>

A forma *ua* convive nas zonas mais ocidentais com *uNa*. Para o plural masculino, na zona do Eo usa-se também *uNos*, como em muitas zonas da Galiza; mais para o leste é frequente *uos*.

Quando a palavra seguinte começa por vogal tónica, *ua* toma o alomorfo *un* (alomorfo paralelo ao de *a~el*):

- *Tùegaréi dentro dun òra*
- *Èra ua néna bèn tolía*

2.2.1.3. Outros determinantes

Dentro dos outros determinantes (possessivos, demonstrativos) existem alguns elementos que vale a pena citar.

Nos **possessivos**, existem formas próprias como *mía*, tal como é de esperar segundo o tratamento exposto em 2.1.2.3, com mera perda da nasalidade respectivamente à forma medieval *mina*. Para a segunda e terceira pessoas, masculino de um só possuidor, dão-se os arcaísmos *tou*, *sou*, comuns com o asturo-leonês ocidental e com o sardo logudorês, no lugar de *teu* e *seu*.

Quanto aos **demonstrativos**, cumpre assinalar que o masculino plural tem a forma etimológica latina em vez da analógica própria do galego-português: *éstos*, *ésos*, *akélos*~*akéios*, e paralelamente, como é natural, o pronome pessoal *élos*. É preciso observar que este paradigma responde a uma evolução muito conservadora do singular e do plural que abrange todos os derivados dos deícticos. A comparação entre o português e o eonaviego neste quadro pode dar uma ideia do fenómeno, onde se pode apreciar uma lei de harmonização da vogal final:

GALEGO EONAVIEGO		PORTUGUÊS	
Singular	Plural	Singular	Plural
<i>el</i>	<i>os</i>	<i>o</i>	<i>os</i>
<i>éste</i>	<i>éstos</i>	<i>este</i>	<i>estes</i>
<i>ése</i>	<i>ésos</i>	<i>ese</i>	<i>eses</i>
<i>akél</i>	<i>akélos</i>	<i>aquele</i>	<i>aqueles</i>

2.2.2. Género e número

No substantivo e no adjectivo os paradigmas de género e número são bastante diferentes relativamente aos do galego comum, sobretudo quanto às formas afectadas por uma terminação nasal. Eis os paradigmas, onde se pode apreciar a riqueza que apresentam em eonaviego (não se perca de vista, porém, que há formas iguais às do resto do galego):

<i>tááo</i>	<i>táa</i>	<i>táaos</i>	<i>táas</i>
<i>folgazán</i>	<i>folgazá</i> ⁵	<i>folgazàis</i>	<i>fogazàs</i>
<i>táen</i>	<i>táea</i> ~ <i>táia</i>	<i>táeos</i> ~ <i>táios</i>	<i>táeas</i> ~ <i>táias</i>
<i>cán</i>		<i>cães</i>	
<i>almazèn</i>		<i>almazéis</i>	
<i>sobrín</i>	<i>sobría</i>	<i>sobríos</i>	<i>sobrías</i>
<i>ruín</i>	<i>ruía</i>	<i>ruíos</i>	<i>ruías</i>
<i>fin</i>		<i>fis</i>	
<i>bòn</i>	<i>bóa</i> ~ <i>búa</i>	<i>bós</i> ~ <i>bús</i>	<i>bóas</i> ~ <i>búas</i>
<i>adokín</i>		<i>adokíos</i>	
<i>adulòn</i>	<i>adulóa</i> ~ <i>adulúa</i>	<i>adulòis</i>	<i>adulóas</i> ~ <i>adulúas</i>
<i>algun</i>	<i>algua</i>	<i>algun</i>	<i>alguas</i>
<i>común</i>	<i>común</i>	<i>comúis</i>	<i>comúis</i>

(5) Forma que explica as gerais eonaviegas *galbá* (frente à *galbana* do gal. com.) ou *semá*, já em desuso.

Os plurais em *-l-* costumam conservá-lo: *animales, atafales, rales*, ainda que, como já foi assinalado, se registem plurais sem ele, e sejam bem frequentes no sub-standard: *animais, atafais, cereais*, etc.

2.2.3. Quantificadores e indefinidos

Existe em eonaviego uma classe de partitivos que se usaram nalgumas áreas, mas não em todas, com o paradigma *dél, déla, délos, délas*, especialmente no plural e muito raras vezes no singular, com o valor de *alguns, algumas*. É curioso, porém, o seu uso em expressões como esta:

A: *Kéres pàn?*

B: *Kéro **dél***

Por outro lado, existem alguns destes determinantes que têm formas comuns com o asturo-leonês, como *dakèn* e *daké*, que convivem com *algèn* e *algo* respetivamente, e junto com eles *aiures*, cujo oposto é *niniüres* (cf. o português *alhures* e *nenhures*).

2.2.4. Pronomes pessoais

Dentro destes é preciso assinalar a grande variedade de formas que existem segundo os três dialectos eonaviegos no que respeita aos pronomes de terceira pessoa átonos, como se pode apreciar:

- *Non a bédo* (oc.), *non a bédo* (resto)
- *Non o séi* (oc.), *non lo séi* (resto)
- *Ida el dóu* (Ibias), *Ida o dóu* (Ozcos), *Ida lo dóu* (resto)
- *Béduel* (Ibias), *bédol* (Ozcos), *bédolo* (resto)
- *Bédola* (oc.), *bédola* (resto)
- *Sábena* (oc.), *sábenno~sábenlo* (resto)

Quanto a outros pronomes, regista-se nas zonas fronteiriças, como nos Ancares e oriente de Návia e Vilalhom, *iou*, que é um leonesismo. Conserva-se o arcaico neutro *élo* e recorde-se que o pronome da terceira pessoa de plural é *élos*.

2.2.5. Diminutivos

O sufixo diminutivo por excelência em eonaviego é *-ín/-ía*, que apresenta um paradigma: *rapazín, rapazía, rapazíos, rapazías*. É a forma esperável em eonaviego equivalente à do resto do galego-português

-inho/-a.

O que já não é comum com o resto do idioma é o sufixo *-uco*, que tem a sua máxima força na Cantábria, mantém uma grande vitalidade nas Astúrias e chega ao Eo-Návia, mas não como forma habitual, e sim própria de algumas palavras: *rapazúco*.

3. UMA LITERATURA DIALECTAL COM MAIS DE UM SÉCULO DE HISTÓRIA

Ainda que pareça estranho, desde finais do século passado vem-se fazendo uma literatura modesta mas cada vez mais importante na Terra Eo-Návia, usando, na maioria dos casos, o galego local. Não pretendo dar uma visão profunda da literatura neste século xx, mas sim assinalar alguns momentos e autores que pertencem à literatura galega, por escreverem neste idioma, mas são asturianos, pelo que estão fora das antologias e dos estudos dedicados aos escritores em língua galega.

Os mais deles, até os últimos anos, nunca tiveram consciência de escreverem em galego, mas isso não implica que a literatura galega não tenha de se ocupar deles. Em qualquer caso, é sim preciso que tenham um tratamento especial, ao menos os autores nascidos antes dos anos cinquenta.

3.1. Começos da literatura

Mais que de literatura criativa (poesia ou narrativa), nestes primeiros momentos cumpre falar de articulismo, é dizer, do uso literário do artigo, em publicações locais, onde por vezes aparecem também poemas ou narrações de marcado sabor local. Em geral, a qualidade literária destes artigos é pouca. Os artigos dos jornais e dos folhetos são habituais desde o começo do século xx até aos inícios da Guerra Civil Espanhola em 1936. Foram, amiúde, elementos de uso partidário e deram-se na zona que naquele tempo, e ainda hoje, se pode considerar a de maior movimento cultural: a beira do Eo desde A Veiga até Tápia. Para citarmos só uns nomes, estão **Manuel Fernández García** (Séranes 1888-?), **Pedro G. Arias** (1877-?) e **José de Villalaín** (Návia 1878-Salinas 1939). É preciso salientar o jornal *El Castropol* como o mais importante dessa jeira, semelhante a tantos e tantos jornais galegos coetâneos e de vida também efémera. Não se deve buscar em nenhum destes casos uma mínima

procura de um sub-padrão para o galego asturiano. Cada um escreve como quer, ficando assim os autores locais à margem das tendências standardizadoras que existiam na Galiza e nas Astúrias.

No terreno poético, o primeiro soneto escrito na comarca eonaviega é de **Bernardo Acevedo** (Boal 1849- Oviedo 1920), grande estudioso do ocidente asturiano, que não só se fixou nos costumes locais, mas que se interessou mesmo pelo dialecto galego das Astúrias, embora não o tenha considerado galego, mas asturiano; ele foi o primeiro recompilador do léxico galego asturiano. Destaca-se também a sua faceta de poeta, geralmente em bable, mas com uma única composição em galego de Boal, este soneto escrito na memória do ilustre Jovellanos:

*Você era um grão senhor, eu era um pobre;
Você era um sábio; eu era um ignorante;
Eu era um anãozinho, você um gigante;
Pedra fina você, e eu um adobe.*

*Deus ajuntou-nos!... E se a mim me move
A Pieda' pra ir de Jove até Levante,
A traição e a injustiça, malandante,
Trazem-no a você desde Levante a Jove.*

*Serve a Espanha leal, e ao soberano
E pagam-lhe em traições os tramposos:
Sírvo-o eu a você... E chama-me irmão*

*Se lhe erguem uma estátua, generosos
Amanhã em Gijom, suplique a seus paisanos
Que façam a pilastra cos meus ossos...!*

Injustamente esquecido pela crítica literária galega, houve outro magnífico poeta da beira do Eo. Trata-se de **Antolín Santos Mediante Ferrarlä** (Taramúndi, 1880- Piantón -A Veiga-, 1944). Foi galardoada a sua composição *A un moinho desfeito* no 1925 pelo Círculo das Artes de Lugo. Os eixos temáticos da sua obra são contos e tradições orais, canções ao estilo popular, cantos às festas da comarca e a tipos populares (o gaiteiro, o soqueiro, o albéitar), poemas à paisagem, aos trabalhos e à vida camponesa, denúncia da situação do camponês e anti-caciquismo.

Há outros autores também anteriores à Guerra Civil cuja poesia merece ser citada. A diferença entre estes e Santos Ferraria encontra-se

sobretudo no padrão que eles empregam, visto que as temáticas coincidem: denúncia do caciquismo, gosto pelo popular e canto à paisagem, elemento este que se achará ao longo de toda a poética deste século. Eis uma brevíssima mostra da sua poesia, neste caso com um claro sabor popular:

*A Parca⁶ prestou-lhe ajuda,
Segando-lhe o fio da vida
Ao marido, alma perdida,
que o quilo no inferno sua,
E Luzia, já viúva,
Rezou com fervor crescido:
Meu São António querido!
Mália me surre a badana
Já na primeira semana,
Concede-me outro marido.*

Estes poetas coetâneos aos quais me venho referindo são **Ramón García González** (Castropol 1870-1938) que tentou pela primeira vez na literatura galega das Astúrias alcançar uma lírica genuína de carácter modernista. A sua obra mais conhecida é um longuíssimo poema que leva por título *O jardim*, do qual este é um fragmento:

*Cubertos já de folhas
Se mostravam luxosos os rosais;
Tal qual botão entre elas
O cálice entreabre
E assomavam as rosas com apuro
De abrir-se e de soltar-se.
O ar era quente; já dos bosques
gostava bem a friagem.*

O outro poeta conhecido é **Conrado Villar Loza** (Taramúndi 1873-Tapia 1962), que ainda foi dramaturgo, inaugurando uma tradição de teatro popular arredor da vila de Tápia de Casarego que ainda subsiste hoje em dia. Conhece-se-lhe pela sua poesia da emigração, tema muito recorrente também no resto da literatura galega. A sua composição mais popular é um poema intitulado *Longe daqui*, as palavras de uma mãe que reclama a volta do seu filho emigrante.

(6) A morte.

*Longe, longe daqui,
Onde lhe chamam A Havana,
Tenho a meu filho querido,
Tenho ao meu filho da alma!*

* * *

*Que Deus te oiça, meu filho,
E te traga pra esta terra,
Onde te esperam os braços
E os carinhos desta velha.*

* * *

*Longe, longe daqui,
Onde lhe chamam A Havana,
Tenho a meu filho querido,
Tenho ao meu filho da alma!*

3.2. A literatura eonaviega de 1939 até 1975

Como é fácil de supor, a comarca ultraoccidental das Astúrias sofreu o mesmo retrocesso na criação literária que o resto das áreas espanholas com língua própria. Sem embargo, há certos autores que continuam a tradição começada havia alguns anos e mantêm um cultivo do poético no galego local que não terá, logicamente, as conotações sociais e políticas que se podiam achar anteriormente. A temática será sempre de canto à terra e uma manifestação da *senhardade* (=saudade) quando o poeta se acha longe da sua terra natal.

No estritamente literário, novamente a poesia é o único género que merece ser citado. O primeiro autor conhecido é o boalês **Benjamín López**, cuja obra literária está recolhida num único livro *Montanhas da Costa Verde* (1960). Trata-se de uma breve obrinha publicada postumamente de só 28 páginas. O carácter de canto à terra abrange desde a primeira até a última página, misturando-se poemas em castelhano e galego, como também ocorreu com Daniel Vargas.

Com uma poesia mais refinada mas também muito tradicional, escreveu **Daniel Vargas Vidal**, originário de Tapia de Casarego e cuja obra literária está recolhida no livro *Añoranzas y recuerdos de Tapia de Casarego* (1967). Este livro, de 335 páginas, consta de duas partes, a primeira é um percurso por momentos da vida do autor em T-pia, com

textos em castelhano onde com frequência aparecem parágrafos inteiros em galego. Aqui usa-se muito a lembrança narrada como elemento que provoca uma espécie de confissão do autor, já adulto, ao leitor quando ele era criança, com o seu peculiar estilo ligeiro e com o conhecimento óptimo da língua sobretudo nos níveis populares. É um fino observador da gente e do contorno em que se move.

Como poeta tem uma longa colecção de poemas dentro do seu único livro. Também aqui há composições em galego e em castelhano, mas cumpre ver nele que aquilo que quer cantar num tom mais elevado fá-lo empregando o espanhol, enquanto que o galego deixa-o para cantar elementos relacionados com o seu passado, com a sua infância, com a paisagem de Tápia, com jogos infantis.

*Como o leite de burra, o “mestrim”,
levava a sua ciência a domicílio
pra esses poucos que querem departir
com algo, sobre as coisas, de bom juízo.
Pobre em roupas, mas rico em coração,
e com alto conceito da virtú’,
ninguém lhe dera faltas de atenção;
nem à própria mulher consente o “tu”.*

.....

*Aí também ‘tava eu, meu bom fidalgo.
Nenhuma confiança co’a plebe;
mália o saber se vista con roupagens
o mais alto respeito se merece.
Mas quanto à mulher já discrepamos,
porque vale bem pouco esse respeito
que à própria mulher tu lhe demandas.
Lá morreu Xantipa,
mais forte, é mais forte, segue a raça...*

Não deu muito mais de si esta época. Haverá que aguardar os anos oitenta para que volte uma literatura mais viva. Ainda assim, estes dois autores que vimos de citar servem de ponte entre os primeiros autores e os actuais. Trata-se duma tradição muito local mas que já vai a caminho de fazer um século.

3.3. A época actual

Desde 1975, como já dissemos, as circunstâncias mudaram. O Eo-Návia não foi alheio a esse despertar que se deu tanto na Galiza como nas Astúrias. Mas este recuperado interesse pela língua e culturas autóctones teve novamente dois referentes distintos: de um lado, alguns autores olharão para a Galiza, como parte de uma cultura que vem desde a comunidade vizinha e que atravessa o Eo para chegar até os limites linguísticos; doutro lado, Oviedo servirá como único referente de dinamismo cultural, de modo que a literatura eonaviega seja parte da asturiana.

É agora que a literatura galega das Astúrias é mais abundante e abrange diversos gÊneros e temáticas, como veremos mais adiante. Encontram-se, mesmo, amostras de literatura infantil.

3.3.1. Três gerações

Os escritores que começaram a escrever depois de 1975 correspondem a três épocas muito distintas. Entre os primeiros estão todos aqueles nascidos nas décadas dos anos vinte e trinta; entre os segundos os nascidos nas décadas de quarenta e cinquenta; na terceira e última, os nascidos já na década de sessenta para adiante. Estes três grupos são aproximativos e não possuem características muito marcadas. Provavelmente, os melhores autores na literatura galega das Astúrias são os últimos, escritores todos eles com uma formação universitária e conhecedores doutra realidades culturais vizinhas.

Do primeiro grupo podemos citar a **Manuel García, *El Galano*** (Tapia, 1925), autor muito prolífico mas fazedor de uma literatura muito popular e de escasso valor literário. Escreve tanto prosa (relatos curtos, os mais deles recolhidos no livro *Parzamiques*). Cultiva também o sainete localista, cuja colecção completa está recolhida no livro *Mariaxes tapiegos*.

Cándido Sanjurjo (Abres, A Veiga, 1919) é autor de poemas e contos publicados em geral nos jornais e revistas da beira do Eo. Muito ancorado também no tradicional, usa porém o galego lucense (mais próximo, portanto, do galego comum). Tem mais valor literário que muitos dos seus coetâneos, com uma prosa mais rica e viva, apesar ser também muito localista.

Adela Conde Valledor (S. Salvador del Valledor, Allande, 1925) é uma mulher autodidacta cuja sensibilidade poética esquisita se transmite deliciosamente através de uma poesia muito singela quanto à forma, mas carregada de intensidade. Escreve temas de intimidade, de amor filial e de

saudade, com verso livre, o que não é muito normal em poetas com a sua idade, muito sujeitos ainda ao verso com rima e métrica definidas. Toda a sua obra poética (uns vinte poemas) está publicada na revista *O Espello* e figura na colectânea de poesia do Eo-Návia *Carreiros* (1998). Como narradora, tem o livro de literatura infantil *Contos à tardinha* (2000).

Dentro do segundo grupo não há grandes escritores e continua a abundar uma literatura de festas que não chega a ter quase valor literário. Na poesia posterior está **Teresa López** (Boal, 1950), filha de Benjamín López, que tem uma série de versos de louvança à terra natal nos quais continua o estilo do seu pai. Mostra-se muito tradicional a respeito do metro e com um marcado sabor localista.

Com uma temática semelhante está **César Cimadevilla**, que publicou alguns dos seus poemas na revista *A Freita*. O eixo que inspira os seus versos é o río Návia, como noutros autores (como Cándido Sanjurjo) é o río Eo (ou bem a ría).

Provavelmente o melhor narrador deste segundo grupo é **Xosé Máximo Fernández** (Campos, 1947), autor de três contos de alto conteúdo fantástico, com um estilo muito pessoal e enormemente atraentes, todos situados na Marinha eonaviega. Estes relatos são *Cultivos de humanos em Arret*, *A saga dos Bauer* e *Alto segredo de mal estado*. O primeiro e o terceiro estão publicados n' *O Espello*.

A chegada do terceiro grupo geracional, os autores nascidos a partir do 1960, supõe uma rotura imensa de temas, modos, filosofia e compreensão geral da literatura galega nas Astúrias tal como a concebiam os autores anteriores. Sem renunciarem a uma certa herança, estes autores procuraram novos rumos para desenvolverem uma literatura moderna e de qualidade. Deles falarei mais adiante aprofundando o que são e significam para a literatura galega. Também deles incluímos uma breve antologia literária de trabalhos em português.

3.3.2. As revistas

Devido à dificuldade que supõe a edição de livros, as revistas são o meio mais comum de expressão literária no ultra-ocidente asturiano. De todas as maneiras, não têm como objectivo ser um elemento de difusão da literatura da zona, mas da cultura em geral, pelo que as revistas existentes, excepto *O Espello*, recolhem toda a casta de artigos, os mais deles relativos à região.

Existe uma para-literatura que vem da tradição jornalística de começos de século. Trata-se de contos, relatos e lembranças que se editam em publicações periódicas locais e mesmo em livros das festas. Estas

mostras são muito numerosas mas o seu valor literário costuma ser escasso. Existe, porém, uma certa trajectória de escrita de artigos. Este género, o **articulismo**, tem cabimento nas duas publicações periódicas em galego da zona e às quais passo a me referir agora.

A revista de maior antiguidade é **A Freita**, da que até agora apareceram onze números. Esta revista, de carácter geral, começou-se a publicar em 1992, dando cabida a artigos de toda a casta e de toda a temática. Pela primeira vez, plumas galegas escrevem numa publicação eonaviega. Entre os articulistas habituais desta revista cumpre citar Benigno Fernández Braña, Xan Castañeira, Xosé Máximo Fernández, Susa Argul Muniz, Xosé Antonio Ron Tejedo, etc. Até agora leva dezasseis números publicados.

Esta revista começou a ter um suplemento literário a partir de 1995, **O Espello**. Esta publicação nasceu como um projecto para dar difusão aos autores eonviegos através de uma edição menos formal que o livro. Até agora apareceram sete números da revista e graças a ela se deram a conhecer alguns dos escritores que agora fazem a sua obra em galego das Astúrias. Ao mesmo tempo, pela primeira vez estão a traduzir-se autores em asturiano para o galego (seja em padrão ou seja em sub-padrão eonaviego) e escritores de fama galegos participam nesta publicação.

A outra revista de carácter geral da zona é **Entrambaságuas**, onde têm cabida sobretudo artigos de carácter local. Não se marca objectivos literários e só faz artigos singelos dirigidos especialmente ao público da zona.

No ano 2000 nasceu uma outra revista de carácter literário, **Pontigo**, promovida pelos membros do Colectivo Cotarelo Valledor e que será o seu meio de expressão literária. É importante fazer notar que tanto **O Espello** como **Pontigo** têm edição virtual na internet, o que supõe que podem chegar a uma grande quantidade de público em qualquer parte do mundo.

Junto com as revistas, acham-se os livros de festas editados pelos concelhos que apresentam aqui e acolá textos em galego asturiano, que em geral não têm valor literário. É possível encontrar contos (mais ou menos populares ou eruditos) e até versos, passando por reflexões do mais variegado. Neles aparecem também as lembranças, um elemento literário muito frequente.

3.3.3. *Últimos autores*

Já entro no último grupo de autores, aqueles que nasceram a partir do 1960 e que deram uma importante viragem à literatura galega das

Astúrias quanto à qualidade e à quantidade (especialmente a primeira). O género que provavelmente alcançou mais qualidade é a poesia. Quase todos os autores jovens a cultivam com maior ou menor sucesso. Quem primeiro publicou em galego de entre estes autores foi **Crisanto Veiguela** (A Veiga del Eo, 1959). Toda a sua obra poética está espargida em revistas, utilizando tanto o galego padrão como o galego eonaviego. A sua poesia é muito intimista, saudosa e de canto à terra e à paisagem que o viram nascer. Crisanto Veiguela é também tradutor para o galego, estudioso literário e escreveu algum relato em prosa, seguindo a tradição da lembrança (*O leite mouro*). Participa na colectânea poética *Carreiros* e publicou o poemário *A vida sempre e sobretudo* (2000)

Autor polígrafo é **Xavier Frías Conde** (Béjar, Salamanca, 1965), originário do concelho de Allande. Escreve em todos os idiomas das Astúrias, ainda que o grosso da sua obra esteja em galego. Junto com Crisanto Veiguela leva a revista literaria *O Espello* e como ele alterna o uso do galego padrão com o subpadrão do galego asturiano, situando-se eles dois na linha que já começara Cotarelo Valledor. A sua obra em galego asturiano consta de vários livros; o seu primeiro poemário é *Ontem foi cavalo de cinza* (1990), seguido do livro infantil *O javali que queria voar* (1991), e vários poemários breves em revistas: *Quando se ergue a noite* (1992), *De costume impossível* (1996) participante na colectânea *Carreiros*, e ultimamente o poemário *Azul e Terra* (2000). Tem um relato breve intitulado *Na companhia dos lobos*. É quem até agora mais profundamente estudou a literatura galega das Astúrias.

Xosé Miguel Suárez (Mántaras, Tápia, 1965) é um autor muito preocupado pelo idioma. O seu primeiro poemário que apareceu publicado em galego asturiano foi *Vidoeiras de Inverno* (1990). Este mesmo escritor deu ao prelo em 1994 *Nas arribadas*, outro excelente poemário onde trata de se procurar a ele próprio que corre paralelo ao tempo que lhe foge, combinando-o com um canto à paisagem do país e à mulher amada. Ambos os livros seguem esa mesma linha, escritos num galego muito cuidado e rico quanto ao léxico. Suárez publicou, também, outros poemas soltos em revistas.

Um dos últimos poetas que chegou ao panorama eonaviego foi **Quique de Roxíos** (Boal, 1965), pessoa muito comprometida com a recuperação e promoção da língua galega das Astúrias. Durante 1999 deu-se a conhecer como escritor através da revista *O Espello*, com um poemário breve intitulado *Tenho dó do teu riso*. Ao mesmo tempo, tem publicado alguns contos para nenos.

Um quarto poeta é **Alfredo González Fernández (Fredo de Carbexe)** (El Franco, 1967), autor do poemário *Mourém dos fundais*, obra em que há,

já desde o título, onnipresença das sombras. O poeta procura a iluminação, a luz, através dos versos percorrendo assim, como nos casos anteriores, a paisagem, a terra e a língua. Tem alguns poemas mais na obra *Muestra de nueva poesía*. Alguns dos seus poemas estão publicados na antologia *Milenio* de Basilio Rodríguez Cañada.

Viqui Veiguela (Leão, 1979) é a última incorporação ao panorama literário eonaviego. Originária de A Veiga, começou a publicar em galego em Madrid através do grupo literário *Bilbao*, onde conheceu a Crisanto Veiguela e Xavier Frías. Até agora publicou o poemário *Velaivém n'O Espello* (recolhido depois no caderno colectivo *Simbiose 2000*), e participa na colectânea poética *Bilbao*. Recentemente também alguns dos seus poemas aparecem na revista *Pontigo*. A sua poesia é fresca, erótica e sensual, na linha das poetisas galegas da sua geração (Yolanda Castaño, Emma Couceiro, Olga Novo), mas com um seu estilo pessoal que faz dela uma grande esperança de futuro.

Entre os narradores cumpre citar **Xosé Carlos Álvarez Blanco**, autor do livro *NÉvoas no lousado*, uma recompilação de várias lembranças pessoais da infância e escritos com um vigor pouco comum. Cada conto, muito breve, transmite um momento do passado em que o porvir do autor quedou para sempre marcado.

3.4. Conclusões

Estes são os autores e os momentos mais importantes da literatura galega das Astúrias ao longo do século xx. Há uma importante diferença entre os autores que citei neste último período e o resto. Os elementos que os distinguem, e que portanto os caracterizam, são fundamentalmente:

a) consideração do idioma galego como um veículo de expressão cultural ao qual há que dar uns mínimos fundamentos normativos;

b) conceito sério, moderno e realista da literatura devido à formação académica de todos eles. Percebem-se influências de todo o tipo, desde autores em espanhol das gerações de 98 à de 50, poesia latino-americana, portuguesa e, sobretudo, galega clássica desde o Ressurdimento (Rosalia, Curros e C. Emilio Ferreiro, principalmente), algum autor considera-se mesmo devedor do basco Aresti;

c) alguns dos escritores têm já contactos fortes com o resto de escritores em galego (nem só porque usam amiúde o galego padrão) e tendem a espalhar o conhecimento da sua realidade linguística e cultural fora do seu âmbito geográfico. Não vêem a literatura como um elemento folclórico mas como uma realidade que por vezes lhes surge vital.

Desgraçadamente, a literatura galega deste lado das Astúrias é ainda

muito desconhecida. É lamentável ter de dizer que a partir do centro das Astúrias algumas instituições culturais, jornais, partidos políticos e outros fazem todo o possível por tirar credibilidade a esta realidade emergente que enriquece o panorama cultural nem só do Principado das Astúrias mas da Galiza e até da Península Ibérica. O que pretende ser um movimento literário pode acabar sendo uma manifestação folclórica por razões políticas. Porém, fica-me a esperança de que os autores eonaviegos sejam cedo considerados parte do mundo literário galego, ao qual fornecem muitas coisas, entre outras, um precioso dialecto que é tão velho como o resto do idioma.

4. ELEMENTOS SOCIOLINGUÍSTICOS

4.1. A consciência linguística dos falantes eonaviegos

Existem muito poucos inquéritos feitas sobre a percepção que os falantes eonaviegos têm da sua fala e, por cima, as que se fizeram até a data, tanto a respeito do galego como do asturiano nas Astúrias são pouco de fiar. Certamente, a opinião que os falantes eonaviegos têm da sua fala é uma coisa muito difícil de precisar, mas há certos elementos que podemos dar por válidos apesar de tudo:

- a) a consciência linguística galega é maior quanto mais novas são as gerações. Isto quer dizer que os avós e os pais raríssimas vezes reconhecerão que a sua língua é galega, enquanto que os filhos já são mais abertos face a esta questão.
- b) a fala eonaviega não se identifica com o bable (=asturiano), ainda que isso não implique que os seus falantes o reconheçam como galego.
- c) o desprestígio que durante muitos séculos sofreu o galego nas Astúrias (o mesmo que na Galiza ou o asturiano no resto do Principado) é agora muito mais reduzido. As novas gerações, à margem da consciência que tenham da sua fala, não se envergonham de falar publicamente eonaviego.
- d) o binómio língua-território não funciona no Eo-Návia. O reconhecimento do galego como língua própria, nos casos nos que se dá, não implica um sentimento de pertença à Galiza.

- e) a TVG está a ter um papel muito positivo em todo este processo, porque o que não se consegue com campanhas, publicações e outros meios, sim se logra com a televisão. São muitos os meninos da zona que seguem as emissões infantis da TVG e está constatado que bastantes deles são membros do clube infantil desta estação de televisão.

Em definitivo, enquanto os falantes mais jovens têm menos problemas em se identificarem com os seus homófonos do outro lado da ria do Eo, os maiores são mais reáccios a tal identificação. Porém, não se pense que as novas gerações são receptivas a respeito desta identidade linguística, porque a partir do Principado pie-se toda a espécie de obstáculos para evitar que seja assim. Dum lado, os últimos governos asturianos promoveram o chamado *galego-asturiano* como língua própria da zona, reconhecendo-lhe uma identidade distinta do asturiano-bable, mas sem chegar ao reconhecimento do eonaviego como galego, visto que isso implicaria um estatuto especial para esta língua, por ser uma das quatro co-oficiais segundo a Constituição Espanhola de 1978. Desde a Administração do Principado apenas se promovem cursos de *galego-asturiano* dentro do currículo do Ensino Primário e como matéria optativa, sem para isso ter formado um professorado em mínimas condições.

Doutro lado, o nacionalismo asturiano combateu e combate a existência do galego nas Astúrias. Os distintos grupos movem-se entre o reconhecimento do híbrido *galego-asturiano* e a afirmação de que o eonaviego é uma variante mais do asturiano.

Dentro deste panorama tão escuro, quando a própria língua asturiana se acha num estado de abandono lamentável. Uma instituição que cada vez ataca com mais força a língua galega nas Astúrias é a Academia da Língua Asturiana. Ao longo da sua história (foi criada em 1980), ela foi tomando posturas cada vez mais beligerantes com a língua galega, até que já nos últimos tempos afirma que é uma variante mais do asturo-leonês, um falar de transição no qual, segundo os seus dirigentes, se misturam elementos de um domínio e do outro. Tanto é assim, que a Academia criou uma chamada Secretaria Técnica com o fim de se ocupar da língua galega das Astúrias, e tal secretaria obteve o reconhecimento do governo asturiano no ano 2000. A Academia é consciente que não pode lograr nada com o asturiano no Eo-N-via, pelo que procura novas fórmulas que lhe permitam ter uma presença num âmbito linguístico que não é o seu.

Afortunadamente, vozes da Universidade de Oviedo vêm protestando por esta questão desde não há muito tempo. Desde os departamentos de filologia são mais e mais as vozes no sentido de que se reconheça que o galego é a língua própria da franja ocidental do Principado, e

o reconhecimento de ser um falar galego-português já tem mais apoios.

4.2. As condicionantes sociológicas

É importantíssimo compreender a situação sociológica dos eonaviegos no contexto das Astúrias e sendo fronteiriços com Galiza. Esta é a realidade que se pode descrever rapidamente do seguinte modo: A Terra Eo-Návia pertence a Astúrias desde a Idade Média (século XIII), quando por um acordo entre o bispo de Oviedo e o de Mondonhedo, estas terras passam a pertencer ao primeiro deles. O seu peso nas Astúrias, desde aquela, é praticamente nulo. Apenas a zona da Marinha tem mais contactos com o resto das Astúrias, favorecido pela sua disposição geográfica de ser terra ch., e permitir o trânsito de viajantes e mercadorias. Ainda assim, toda a zona mantém-se num estado de isolacionismo, que, ao mesmo tempo, é o mesmo que sofre a franja montanhosa oriental de Lugo e todas as Astúrias ocidentais. Quando no século XIX começa a exploração mineira das Astúrias, esta só afecta o centro da região, de modo que todo o processo de industrialização e posterior desenvolvimento das grandes cidades do centro (Oviedo, Gijón e Avilés) não terá qualquer repercussão sobre o Eo-Návia.

Mesmo durante o processo de tomada de consciência das literaturas asturiana e galega no século XIX, o Eo-Návia manter-se-á alheio quase de todo a este ressurgimento das culturas minorizadas. Ainda assim, não podemos deixar de assinalar que certos escritores da zona tomaram consciência da sua galegidade linguística (lembre-se antes Armando Cotarelo Valledor e Antolín Santos Ferraría; vid. 3.1.) Com a chegada da etapa democrática na Espanha, o asturianismo político ignora esta realidade e pretende desde muito cedo fagocitá-la, mas à vista de que não é possível, recorre à confusão com a população da zona, como venho explicando.

Os galego-falantes das Astúrias não tiveram consciência de falarem galego até há muito pouco tempo, e de facto só uma pequena parte da população tem tal consciência, havendo uma maioria que não tem uma opinião clara de qual é a sua língua, segundo expus j. em 5.1. Durante séculos creram falar alguma variante do asturiano ocidental, variante muito estremada, mas asturiano enfim, visto que se tendeu a identificar o território geográfico com o território linguístico. Esta pertença geográfica às Astúrias levou os intelectuais da zona, sem formação filológica evidentemente, a voltarem os seus olhos para o centro das Astúrias. Dessa maneira, não deve estranhar que houvesse autores do Eo-Návia que

escrevessem em asturiano padrão da sua época e que as antologias da literatura asturiana incluam autores em galego como escritores em bable ou asturiano.

Porém, o elemento sociológico de uma comunidade de asturianos junto com o linguístico de um dialecto galego muito afastado do resto do idioma, dão a esta área umas características de isolamento dentro não só das Astúrias mas também das áreas vizinhas galegas. De facto, hoje o culturalmente galego tem muitas dificuldades de penetrar, quase tantas como o que vem do centro das Astúrias. Isso explica porque existe uma literatura própria, ainda que seja escassa e de desigual qualidade. O galego asturiano ser claramente diferente de qualquer outro dialecto galego e falar-se fora da Galiza administrativa faz com que os falantes não tenham interesse por se integrarem no mundo cultural galego, ainda que não se possa afirmar que rejeitem tudo aquilo que lhes vem da Galiza. A dificuldade para aceder ao mundo literário galego, a fronteira política que tem muito peso e a singularidade do dialecto galego fazem com que a cultura (nela inclui-se a literatura) da zona tenha uma autonomia com muita força.

4.3. Uma política linguística própria

É evidente que a comarca eonaviega precisa de uma política própria. Existem referentes noutras partes do Estado, tal que o Vale de Arán na Catalunha ou A Franja de Ponent em Aragão.

Dever-se-ia partir do reconhecimento dos eonaviegos como uma minoria linguística própria do Principado das Astúrias, e, certamente, galegófona, não asturianófona. A partir daqui é preciso que o Principado promova uma escolarização em galego diferente da que se faz no resto das Astúrias, o que implica que a formação de um professorado competente não se pode fazer com cursinhos de várias sessões a cargo de pessoas cuja competência linguística não é a ajeitada.

Isto vai acompanhado por um processo de reconhecimento de um sub-padrão próprio para o galego das Astúrias, como já disse anteriormente, no qual o galego eonaviego fique dentro do galego-português, ainda que se reconheçam as suas peculiaridades. É evidente que esta é a única possibilidade viável a curto e médio prazo, visto que o galego “da Galiza”, pelos motivos antes exprimidos, teria sérios problemas para ser admitido por uma boa camada da população.

Não podemos esquecer que no ano de 1998 se aprovou uma lei autonómica asturiana que reconhecia o asturiano como língua das Astúrias, e não lhe deu um reconhecimento de co-oficialidade. Nessa

mesma lei fazia-se uma menção ao galego, lá chamado, como é costume no governo, *galego-asturiano*, onde se lhe reconheciam os mesmos direitos e procedimentos do que ao asturiano. Até hoje essa lei não teve qualquer aplicação e só resta esperar que uma boa parte da sociedade asturiana mude a sua atitude quanto ao galego, segundo esse início de reconhecimento que está a ocorrer em muitos vultos do asturianismo cultural, cada vez mais longe do político, a que me referia mais acima.

4. 4. A questão do sub-padrão

Já deixámos testemunho de que o processo de recuperação do galego das Astúrias se move hoje em dia em duas tendências. A primeira, a que poderíamos chamar *integradora*, pede que se reconheça a galegidade da língua, e a segunda, *isolacionista*, pretende normativizar o galego desde o asturiano (daí que para eles seja válida a denominação de *galego-asturiano*)⁷.

A partir da Conselharia de Cultura do Principado promoveu-se no princípio dos anos 90 uma normativa para o eonaviego que estava toda baseada na normativa asturiana, à qual se fizeram adaptações. Mas por razões nunca explicadas, o livro em que ia redigida toda a normativa não tem visto a luz. Chama a atenção que em tal proposta se achem apostrofações e grafias alheias de todo ao galego-português, favorecendo todos aqueles aspectos que se afastam do núcleo central da língua, tentando fazê-la o mais irreconhecível que seja possível.

Essa proposta, não distribuída mas sim conhecida, é a que se emprega a partir da Academia Asturiana e alguns outros âmbitos. É preciso compreender que surgiu como uma resposta à normativa que desde a Mesa para a Defesa do Galego das Astúrias (MDGA) se publicara uns anos antes, no fim dos anos oitenta. A proposta integradorista que defende este movimento baseia-se na normativa vigente do galego padrão do ILG, mas reconhecendo as características próprias do galego das Astúrias.

Porém, tal proposta foi precisada e ampliada em muitos aspectos pelo Colectivo Cotarelo Valledor, e é ela a que empregam os escritores desta associação. O critério que se segue é manter o difícil equilíbrio entre a pertença a um âmbito linguístico maior e o respeito a um certo número

(7) A denominação de *galego-asturiano* foi cunhada por Dámaso Alonso, que em nenhum momento pôs em dúvida a galegidade da fala entre o Eo e o Návía, porém admitiu que tinha, desde o ponto de vista dialectológico, um interesse imenso por ser área fronteiriça. Ele percebeu que as isoglossas que separam o asturiano do galego começam em Lugo e acabam muito dentro das Astúrias, mas reconheceu à fala a sua verdadeira identidade, como anos atrás já fizera Ramón Menéndez Pidal. Porém, a desgraçada denominação de *galego-asturiano*, com que pretendia falar do galego *falado nas Astúrias* foi tomada como sínónimo de híbrido, manipulando o que está escrito pelo ilustre filólogo a respeito disto (1971; t.I: 397).

de formas características do eonaviego. Para isso, desde o Colectivo faz-se uma proposta elástica de normativa maximizadora e normativa minimizadora para poder chegar-se ou afastar-se da língua padrão segundo os gostos dos escritores mas sem chegar a uma desintegração da unidade linguística.

4.5. O movimento cultural de recuperação da língua

Desde o lado integrador, e à falta de uma política institucional, os meios para promover a língua são escassos, mas centram-se em:

Edição da revista *A Freita* e de alguns livros, tanto literários como de outros géneros;

Presença na Rede com materiais tanto literários e informativos como de consulta linguística;

Edição de livros; neste aspecto, é fundamental promover a edição de livros de literatura infantil;

Promover actos culturais e académicos que tenham a língua e literaturas da zona como elementos de estudo;

Promover todo o tipo de estudos de aspectos culturais (fundamentalmente linguísticos e literários) sobre a comarca eonaviega;

Dar eco na Galiza ao labor difusor e literário das pessoas que trabalham no e pelo galego das Astúrias.

É preciso compreender que o futuro do galego nas Astúrias não é uma coisa que dependa exclusivamente dele próprio, ou mais bem dos seus falantes, ainda que a responsabilidade seja deles. O futuro do galego nas Astúrias está indissolivelmente unido ao futuro do asturiano (como, de facto, acontece em Aragão, onde a lei de regularização linguística abrange por igual ao aragonês e ao catalão). O entendimento com os defensores do asturiano –o asturianismo cultural– é necessário. Neste sentido, há perspectivas de bom agouro sobre as atitudes abertas de bastantes intelectuais asturianos que incorporam o galego como um elemento mais da cultura das Astúrias (muitos deles são escritores ou filólogos), apesar da atitude da Academia Asturiana. Com tudo, editoriais como *vtp* de Gijón apostam por publicarem em galego eonaviego e em breve poderemos ver como resulta a experiência.

Em todos os casos, precisamos do apoio de todos, defensores do galego e do asturiano, para sobrevivermos como comunidade galaicó-fona nas Astúrias.

roxavi@teleline.es

BIBLIOGRAFIA

- ACEVEDO HUELVES, B. e FERNANDEZ FERNANDEZ, M. *Vocabulario del bable de occidente*. Centro de Estudios Históricos. Madrid, 1932.
- ALONSO, D. *Obras Completas*, tomo 1, *Del Occidente Peninsular* Ed. Gredos, Madrid 1972., pp. 291-533. Inclui os artigos: “Enxebre”, “El gallego leonés de Ancares y su interés para la dialectología portuguesa” (em colaboración com Valentim García Yebra), “El saúco entre Galicia y Asturias”, “Notas sobre léxico y etimología”, “Dos voces portuguesas: *estiar*, *sotaque*”, “Gallego-asturiano *engalar* «volar» (casos y resultados de velarización de -n- en el dominio gallego)”, “Gallego *bordelo*, *abordelar* (sobre el par de encuarte em el Nordeste Peninsular)”, “Dos palabras gallego-asturianas”, “Narraciones orales gallego-asturianas”, “Ganado vacuno en San Martín de Oscos”.
- BABARRO GONZALEZ, X. *Galego de Asturias. Delimitación, caracterización e situación sociolingüística*. Universidade de Santiago, 1994.
- CATALAN, D. *Las lenguas circunvecinas al castellano*. Paraninfo, Madrid, 1989.
- CORRIENTES, F. *Diccionario de arabismos*. Gredos, Madrid. 1999.
- FRÍAS CONDE, F.X. “Proposta de notas normativas do galego de Asturias”. In *A Freita* nº10 (I parte, pp. 40-50, 1997) y nº 11 (II parte, pp. 46-55, 1998). Eilao, Astúrias.
- FRÍAS CONDE, F.X. “Sobre os bloques dialectais do galego: unha nova proposta”, in *Revista de Filología Románica. Homenaje a Pedro Peira*, vol 1, 241-256, Madrid, 1997.
- FRÍAS CONDE, F. X. “Subestándar versus castrapo no galego das Astúrias”. In *A Freita* nº 10. pp. 32-39. Eilao (Astúrias), 1997.
- FRÍAS CONDE, F.X. *O galego exterior ás fronteiras administrativas*. VTP ed. Gijón, 1999a.
- FRÍAS CONDE, F.X. “A lingua galega en Asturias: o difícil camiño cara ao subestándar”, in *Revista de Lenguas y Literaturas catalana, gallega y vasca*, VI, 1999b.155-168.

- FRÍAS CONDE, F.X. “Os límites entre galego e asturleonés en Asturias”, in *Revista de Filología Románica*, 1999c.
- GARCIA DE DIEGO, V., *Manual de Dialectología Española*, Centro Iberoamericano de Cooperación, Madrid, 1978.
- GARCIA GARCIA, J. *El habla de El Franco*, Instituto Bernaldo Quirós, Mieres del Camino, 1983.
- HERNANDEZ, A. “Algunas características del habla de As Figueiras”, in *Estudios y Trabajos del Seminario de Llingua Asturiana (II)*. Universidad de Oviedo, 1979.
- MENENDEZ GARCIA, M. “Cruce de dialectos em el habla de Sisterna (Asturias)”. in *Boletín de Tradiciones Populares VI*, 1950. pp. 355-402.
- MENENDEZ GARCIA, M. (1951): “Algunos límites dialectales em el ocidente de Asturias”, in *BIDEA* 5:14
- MENENDEZ GARCIA, M. *El Cuarto de los Valles (Un habla del Occidente Asturiano)*. BIDEA, Oviedo, 1963. Tomos I e II.
- MENENDEZ PIDAL, R. *El dialecto leonés*, I.D.E.A., Oviedo, 1962.
- MENENDEZ PIDAL, R. *Manual de Gramática Histórica Española*. Espasa Calpe, Madrid, 1967.
- MUÑIZ, C. *El habla del Valledor*. Academische Pers., Amsterdam 1978.
- RODRIGUEZ-CASTELLANOS, L. “Palatalización de L- inicial en la Asturias de habla gallega”. *Verba* 2, 1975.
- RODRIGUEZ-CASTELLANOS, L. *Aspectos del bable occidental*. IDEA, Oviedo, 1954.
- VV.AA. *Contos populares da Terra Navia-Eo*. MDGA-Ambitu, Oviedo, 1993.
- VV.AA. *Normas ortográficas e morfolóxicas do galego de Asturias*. MDGA, Eilao, 1991.
- ZAMORA VICENTE, A. *Dialectología Española*, Gredos, Madrid, 1970.